

NVMMVS

2ª SÉRIE - VOLUME XLV - XLVIII



PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE NUMISMÁTICA
2022 - 2025

NOTAS SOBRE DOIS CONJUNTOS MONETÁRIOS TARDO-ROMANOS DE CONIMBRIGA

Diana Marques¹

José Ruivo²

Virgílio Hipólito Correia³

RESUMO

Apresentam-se dois pequenos conjuntos monetários tardo-romanos descobertos em Conímbriga com um intervalo de 50 anos: o mais antigo foi recolhido em 1968 numa canalização associada à Basílica paleocristã, sendo composto por 15 moedas de bronze (*nummi*, AE2, AE3 e AE4) e o mais recente, encontrado em 2018, proveniente do Edifício sobre o anfiteatro (Setor G XVII) é composto por 6 bronzes (AE2 e AE3) e um *solidus* de Teodósio.

Embora a cronologia dos exemplares que fecham cada um dos conjuntos não ultrapasse os finais do século IV, são esgrimidos argumentos que colocam a sua ocultação em momentos distintos do século V.

PALAVRAS-CHAVE: Conímbriga, tesouros monetários, período tardo-romano, Basílica paleocristã, Edifício sobre o anfiteatro

ABSTRACT

This paper presents two small Late-Roman coin hoards discovered in Conímbriga, 50 years apart: the oldest was recovered in 1968 in a drain associated with the Palaeo-Christian basilica, and is composed by 15 bronze coins (*nummi*, AE2, AE3 and AE4) and the more recent, found in 2018, in the Building over the amphitheatre (Sector G XVII) is composed by 6 bronze coins (AE2 and AE3) and a *solidus* of Theodosius.

Although the chronology of the closing coins in both hoards does not go beyond the 4th century AD, arguments are drawn for the respective burials occurring in different moments of the 5th century AD.

KEYWORDS: Conímbriga, Coin hoards, Late-Roman Period, Early-Christian Basilica, Building over the Amphitheatre

O presente trabalho baseia-se no estudo de dois modestos conjuntos monetários descobertos em Conímbriga com um intervalo de precisamente 50 anos: o conjunto monetário da Basílica, descoberto em 1968, e o conjunto monetário do Edifício sobre o anfiteatro (Setor G XVII), descoberto em 2018. Ambos os conjuntos foram recentemente objeto de estudo por um dos signatários (DM) no âmbito do seu Relatório de Mestrado em Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Marques, 2023: 47-52 e 111-113).

¹ Arqueóloga

² Museu Nacional de Conímbriga

³ Museu Nacional de Conímbriga/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos UC

1. O conjunto monetário da Basílica (Estampa I, 1)

O conjunto monetário do edifício conhecido como a Basílica paleocristã foi encontrado em escavações dirigidas por Isabel Pereira em 1968. Historiograficamente estas escavações foram de muito relevo uma vez que representaram os primeiros trabalhos arqueológicos cuidados conduzidos no edifício, primeiramente publicado no Boletim da Direção-Geral do Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) de 1948 e que P. David (1950) propôs identificar como basílica paleocristã. A intervenção correspondeu ao alargamento das escavações da DGEMN na direção Oeste, expondo os limites ocidentais do edifício, a rua limítrofe e, nesta, segundo uma nota manuscrita da autora da intervenção, a canalização de elementos tubulares cerâmicos que alimentou o tanque/batistério, no interior da qual se encontraram 15 moedas de bronze: três *nummi* (cat. n.º 1, 2 e 3), dois AE3 (cat. n.º 8 e 11), três AE4 (cat. n.º 4, 9 e 12) e sete AE2, um dos quais uma imitação (cat. n.º 15). O depósito abarca um horizonte cronológico que se estende de 330 a 395 d.C. (cf. Tabela 1), iniciando-se com *nummi* constantinianos das séries *Constantinopolis* e *Gloria Exercitus* (1 estandarte) e encerrando com um AE2 de Arcádio da série *Gloria Romanorum* (Imperador com lábaro e globo) lavrado em Heracleia entre os anos 393 e 395 d.C.

Período	Reverso	Autoridade emissora	Arl	Aq	Her	Or	Imit	Ind	Total	%
330-340	<i>Num</i> CONSTANTINOPOLIS	Casa de Constantino						1	1	6,66
	<i>Num</i> GLORIA EXERCITVS	Casa de Constantino	1						1	6,66
347-348	<i>Num</i> VICTORIAE DD AVGGQ NN	Constâncio II	2						2	13,33
	<i>Num</i> VN MR	Constantino I (póstuma)				1			1	6,66
350-353	<i>AE2</i> FEL TEMP REPARATIO (FH)	Constâncio II						1	1	6,66
353-361	<i>AE3</i> FEL TEMP REPARATIO (FH)	Constâncio II						1	1	6,66
	<i>AE4</i> SPES REIPVBLICE	Constâncio II	1					1	2	13,33
378-387	<i>AE2</i> REPARATIO REIPVB	Graciano Valentiniano II Indeterminado	1	1			1	1	2	13,33
								1	1	6,66
393-395	<i>AE2</i> GLORIA ROMANORVM (<i>labarum</i>)	Arcádio			1				1	6,66
Total			5	1	1	1	1	6	15	100

Tabela 1 – Composição do depósito da Basílica

Globalmente considerado, verificamos no conjunto a preponderância das emissões de Arles⁴, à semelhança do que ocorre na circulação monetária da cidade de *Conimbriga* onde as emissões desta casa da moeda ocupam um lugar de relevo ao longo de boa parte do século IV (cf. Pereira *et al.*, 1974: 252 e seg.). Esta observação é válida também para os conjuntos monetários aparentemente contemporâneos, nomeadamente *Conimbriga* A, E e F. (cf. Pereira *et al.*, 1974: 319-329), refletindo a sua seleção a partir dos espécimes em circulação na cidade.

Considerando o moderado desgaste da peça mais recente e a sua cronologia tardia, parece-nos admissível que este pequeno depósito tenha sido ocultado algures durante o século V, quiçá ainda na primeira metade. Não obstante podemos, sem qualquer dificuldade, atribuir-lhe uma cronologia ligeiramente posterior. É inegável que a insegurança vivida em *Conimbriga* durante o século V nomeadamente por ocasião dos raides suévicos de 465 e 468 (Alarcão e Étienne, 1979: 244) terá motivado a ocultação de numerosos conjuntos de moedas, muitos dos quais compostos por pequenas somas de numerário, que nos fazem amiúde lembrar pequenos pecúlios para as despesas correntes, depositados em momentos de urgência em lugares tanto privados como públicos, na expectativa de serem recuperados *a posteriori*.

Quanto à circunstância de a ocultação do tesouro ter ocorrido num cano já desativado, julgou-se ver nela uma prova da inativação do aqueduto, indiciando a existência de problemas com o abastecimento de água a *Conimbriga* ainda antes dos ataques suévicos, relacionados, por seu turno, com a destruição e abandono daquela infraestrutura. No entanto, recentemente procedeu-se à datação por radiocarbono de um esqueleto de caprino proveniente do interior da conduta, tendo-se demonstrado que o término do seu funcionamento só deverá ter ocorrido durante a segunda metade do século VII d.C., alterando a ideia inicial (Reis, 2021: 55-66).

Este conjunto de moedas encontra paralelos noutros igualmente descobertos em *Conimbriga*, nomeadamente os tesouros A (Pereira *et al.*, 1974: 319-323), E (Pereira *et al.*, 1974: 327-328) e F (Pereira *et al.*, 1974:328-329). A sua ocultação foi atribuída a meados do século V e igualmente relacionada com os saques suévicos ocorridos em *Conimbriga* em 465 e 468 d.C. Na cidade estão presentemente documentados outros achados monetários cujas moedas mais recentes são mais ou menos contemporâneas do tesouro da Basílica: os tesouros áureos da Casa dos *solidi* (Ruivo, 2021: 81-93) e da Casa atribuída a Cantaber (Ruivo, 2021: 92) e o depósito funerário da Casa dos esqueletos, composto por 58 moedas de bronze (Ruivo, 2023: 123-144), para além do conjunto do Edifício sobre o anfiteatro (Setor G XVII), que passamos a apresentar seguidamente.

⁴ Refira-se a presença neste conjunto de uma imitação da série REPARATIO REIPVB em nome de Graciano que copia as marcas de Arles (cat. n° 15).

2. O conjunto monetário do edifício sobre o anfiteatro (Estampa I, 2)

O depósito foi recolhido nas escavações arqueológicas levadas a cabo em 2018 no edifício sobre o anfiteatro (Ruivo *et al.*, 2018; Correia, 2019), no âmbito do projeto de investigação DEARCON (Correia, 2019).

A área escavada no decorrer do projeto corresponde aos setores G XIV, G XV, G XVI e G XVII, que correspondem a uma área localizada entre o fórum e o anfiteatro. Trata-se de um espaço de edifícios domésticos situados entre os dois monumentos públicos. Entre os anos de 2012 e 2018 o projeto desenvolveu um conjunto de iniciativas, incluindo uma campanha de prospeção geofísica e sondagens de teste em 2012-2013, escavações alargadas em 2015-2016 e uma campanha de escavações em 2018 (Correia, 2019: 168-169).

Do ponto de vista da sucessão cronológica de ocupação do local, essa unidade corresponde a um momento de abandono do edifício (momento 5: Correia, *op. cit.*:174-175) que está associado a uma conjuntura de destruição ativa das estruturas, caracterizada pela deposição de grandes quantidades de materiais de construção pouco fragmentado, bem como de significativas extensões de pintura mural ainda em conexão entre os fragmentos (Martins, 2022). Os materiais recolhidos em sucessivas campanhas de escavação (Santos, 2017: 38) permitiram datar esta destruição do 3º quartel do séc. V, graças à combinação de achados (unidades estratigráficas 25-33) de *terra sigillata* africana das formas Hayes 59, 67 e 91A e de *terra sigillata* focense de forma Hayes 3A (cf. Correia, *loc. cit.*).

Do ponto de vista locacional, o espaço onde o tesouro foi recolhido não pode ainda ser perfeitamente identificado, pois a sua escavação é ainda muito parcelar, mas parece corresponder a um espaço de circulação, verosimilmente uma ala porticada de um peristilo que daria acesso aos quatro compartimentos em banda que constituem a extensão conhecida do edifício (Correia, *op. cit.*: 175, fig. 5).

O pequeno conjunto monetário em estudo é composto presentemente por sete moedas de bronze e um *solidus*. As moedas foram recolhidas nas UE's 6 e 8 dispersas sobre um pavimento de *opus*, associadas a um estrato de abandono (Correia, 2019: 175) e aparentemente sem vestígios de contentor associado. Presume-se que estivessem ocultadas no interior da parede cujo derrube foi identificado sobre o pavimento. Considerando que a área não foi integralmente escavada, admitimos que o conjunto não esteja completo.

Para além do conjunto aqui estudado, do setor G XVII recolheram-se anteriormente dez numismas, descobertos isoladamente nas escavações de 2013 e 2015-2016 e que associados às cerâmicas africanas permitiram aferir cronologias do século IV d.C. (Santos, 2017: 67-68).

O conjunto monetário é composto por oito exemplares cronologicamente balizados entre 353 e 387 d.C. (cf. *infra* Tabela 2). A moeda mais antiga do conjunto é um AE3 de Constâncio II (cat. nº 5) do tipo *Fel Temp Reparatio* (FH). Pelo estilo

do reverso terá sido cunhada na casa da moeda de Roma nos anos 353-358 d.C.

O período melhor representado é o compreendido entre 378 e 387 d.C. ao qual correspondem um *solidus* de Teodósio cunhado em 383 na Itália do Norte (cat. n.º 7) e 5 AE2 da série *Reparatio Reipub*: 3 de Graciano, batidos respetivamente em Lyon (cat. n.º 1 e 2) e em Roma (cat. n.º 6); 1 de Valentiniano II lavrado em parte incerta (cat. n.º 8) e 2 de Magno Máximo da primeira oficina de Lyon (cat. n.º 3) e da segunda oficina de Arles (cat. n.º 4). Estes exemplares marcam o *terminus post quem* do conjunto (387 d.C.).

Período	Reverso	Autoridade emissora	Lyon	Arles	Roma	N. Itália	Indet	Total	%
353-358	AE3 FEL TEMP REPARATIO	Constâncio II			1			1	12,5
378-387	AE2 REPARATIO REIPVB	Graciano Valentiniano II Magno Máximo	2 1	1	1		1	3 1 2	37,5 12,5 25
383	<i>Solidus</i> VICTORIA AVGG	Teodósio				1		1	12,5
Total			3	1	2	1	1	8	100

Tabela 2 – Composição do depósito do Setor G XVII

Seria importante o alargamento da sondagem a fim de verificar se o conjunto é unicamente composto pelas oito peças inventariadas ou se contará com mais exemplares.

No caso de Conimbriga, e até à data, este é o único conjunto monetário misto, integrando um *solidus* acompanhado com espécies de bronze. Trata-se de uma situação que é relativamente pouco comum na Hispânia tardia uma vez que para além deste conjunto temos apenas notícia de dois achados similares: o da Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós), composto por 11 bronzes (AE2 e AE3) e 2 *solidi* de Honório (Cruz *et al.*, 2023: 63-81) e o de Torrecaños (Guareña, Badajoz) composto por 1449 bronzes, um anel em ouro e um *solidus* de Honório (Velázquez Jiménez, 1983: 85-190)⁵.

Em Conimbriga eram já conhecidos dois conjuntos compostos exclusivamente por *solidi*: o tesouro da casa dos *solidi* (10 unidades) e o tesouro da casa de Cantaber (2 unidades). De referir também a existência de 4 exemplares áureos (*solidi* e semisses) provenientes de achados isolados (Ruivo, 2021: 81-93).

⁵ Miguel García Figuerola (1999: 14, n. 54), defende que o *solidus* não integraria o tesouro. São conhecidas ainda referências a outros hipotéticos tesouros mistos, nomeadamente os de Rencovo (Caldas de Monchique), que contaria com um *solidus* de Honório (Bost *et alii*, 1992: 57, n.º 135), São Tomé de Negrelos (Santo Tirso), com um ou vários *solidi* de Teodósio (Bost *et alii*, 1992: 58-59, n.º 143) ou o da Rua D. Afonso Henriques (Braga), que fecharia com bronzes de Valentiniano III e que supostamente incluiria também 2 *solidi* (Martínez Chico, 2020: 618).

Considerações finais

A reduzida dimensão dos conjuntos monetários da Basílica e do Edifício sobre o Anfiteatro suscitam dificuldades principalmente por não permitirem desenvolver significativas considerações económico-numismáticas.

Uma breve comparação entre ambos os achados revelam que a estrutura do conjunto do Edifício sobre o Anfiteatro, no seu estado atual, apresenta maior preponderância de material valentiniano-teodosiano: cerca de 87,5% do numerário foi batido entre 378-387 d.C. Contudo, não apresenta, até à data, exemplares posteriores a 387 d.C. Neste sentido, a composição do conjunto da Basílica de Conimbriga afigura-se algo diferente: o material valentiniano-teodosiano está sub-representado relativamente ao do período constantiniano em termos percentuais (40 e 60%, respetivamente).

No entanto, ambos os achados são historicamente relevantes. O achado da Basílica, deposto no interior de um dos tubos cerâmicos da canalização, num momento em que esta já não funcionava, foi interpretado como demonstrando o colapso do abastecimento hidráulico na cidade, *ergo* a destruição do aqueduto, a montante⁶. Este “dado” compaginava-se muito bem com a narrativa então corrente do abandono da cidade sucedendo-se rapidamente aos saques suevos de 465-468 e a transferência do bispado para *Aeminium*, já consolidada no III Concílio de Toledo em 589 (Alarcão *et al.*, 1979: 255 e 268 v.g.).

O tema só foi revisto muito recentemente por Maria Pilar Reis (2021), no âmbito de uma análise pormenorizada da história do funcionamento do aqueduto de Conimbriga, enquadrada por uma nova leitura global da história da cidade na Tardo-antiguidade e na Alta Idade Média (Correia e Ruivo 2021).

A questão essencial é que o fim do funcionamento do aqueduto se data mais provavelmente em finais do séc. VII ou no início do séc. VIII (Reis, *loc. cit.*, 60-61). A condenação da canalização em tubos cerâmicos, que se admite ser datada pelo tesouro, tal como a escavadora original sustentou, não tem por isso qualquer relação com esse facto. Mais provavelmente também essa condenação tem a ver com uma inovação litúrgica no batismo, onde se passa a preferir a água benta: por isso, a água das piscinas batismais deixa de poder ser água corrente – isto terá ditado a obsolescência da adução; como as constituições apostólicas que consagram essa inovação datam de inícios do séc. V, essa deve também ser a data da ocultação (*id. ibid.*: 62, c/ referências).

No caso do achado do Edifício sobre o Anfiteatro, e considerando a sua

⁶ Nunca publicada, esta era a opinião da escavadora, transmitida com frequência a vários investigadores de Conimbriga.

descoberta num nível de destruição, a que aparentemente não se sucedeu qualquer tentativa de reconstrução do edifício, procurou-se associá-lo aos efeitos, diretos ou indiretos, dos saques suevos de 465 e 468. Apesar das consabidas dificuldades e do risco metodológico de associar fenómenos identificados arqueologicamente com eventos históricos determinados, a coincidência da datação é, neste e noutros casos de Conimbriga (Casa do mediano absidado, cadáveres no tanque do peristilo da Casa atribuída a Cantaber), demasiado evidente para se continuar a remeter as afirmações de Hidácio de Chaves à condição de mero tropo literário do *finis temporis* (Correia, n.p.).

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, J.; Etienne, R.; Alarcão, A. M.; Ponte, S., (1979), *Fouilles de Conimbriga – VII – Trouvailles diverses, conclusion générales*. Paris: MAFP/MMC.
- Bost, J.-P. *et alii* (1992), Trouvailles d'aurei et de solidi dans la Péninsule Ibérique. In Brenot, Cl. E Loriot, X. (dir.), *L'or monnayé: trouvailles de monnaies d'or dans l'Occident romain*, Paris, CNRS, Cahiers Ernest Babelon 4, pp. 33-89.
- Correia, V. H. (2019), Desenvolvimento das escavações arqueológicas em Conimbriga (DEARCON, 2012-2018): apreciação sumária dos trabalhos e resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 22, pp. 167-178. <http://hdl.handle.net/10400.26/30694>
- Correia V. H. ed. (2021³), *Conimbriga. Catálogo das Coleções*, Lisboa, DGPC/Blue Book.
- Correia, V. H. (n.p.) - A continuidade da arquitetura doméstica de Conimbriga na Antiguidade Tardia. In Mateos, P.; Pizzo, A.; Granados, I. (eds.) *Continuidades y rupturas: El ámbito doméstico urbano de Hispania desde la Época Altoimperial hasta el Período Emiral*. Mérida: IAM, no prelo.
- Correia, V. H. e Alarcão, P. (2008), Conimbriga: um ensaio de topografia histórica, *Conimbriga*, 47, pp. 121-136.
- Correia, V. H.; De Man, A; Reis, M. P. (2011), A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conimbriga. *Conimbriga*, 50, pp. 127-147. <http://hdl.handle.net/10400.26/19597>
- Correia, V. H.; Ruivo, J.; (2021), Conclusões: uma nova narrativa. In Ruivo, J. Correia, V. H. (eds.) *Conimbriga diripitur. Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade (*Humanitas Supplementum*), pp. 379-386. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2149-4>
- Cruz, A. R.; Ruivo, J.; Tomé, T.; Valério, P.; Araújo, M. F.; Correia, V. H. (2023), A ocupação tardo-romana da Lapa Rasteira do Castelejo (Alvados, Porto de Mós), *Antrope*, 16, pp. 63-81.
- David, P. (1950), “Recensão” [a DGEMN 1948]. *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, n. s. 14, 321-324.
- DGEMN = Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1948) – *Ruínas de Conimbriga*. Lisboa: Min. Obras Públicas (*Boletim DGEMN* 52-53).

- García Figuerola, M. (1999), *Cuatro estudios sobre el Ae2 teodosiano y su circulación en Hispania*, Oxford, BAR i.s. 802.
- LRBC = Carson, R. A. G. *et alii* (1978), *Late Roman Bronze Coinage A. D. 324-498*, Londres, Spink & Son Ltd.
- Marques, D. S. S. (2023), *Contributos para a circulação monetária tardia da Lusitânia: os tesouros monetários do setor GXVII e da Basilica de Conimbriga e os do Logradouro, Largo da Amoreira e Chão dos Cardos de Idanha-a-Velha*, Relatório de mestrado em Aqueologia, Coimbra: Faculdade de Letras.
- Martínez Chico, D. (2020), *Los tesoros imperiales de Hispania*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Valência (inédita), Valência.
- Martins, D. S. (2022), *Contributo para o conhecimento da pintura mural romana de Conimbriga: A Casa do tridente e da espada e a sala A do Edifício do sector G XVII* (Diss. Mest.). Lisboa: Fac. Letras. <http://hdl.handle.net/10400.26/44614>
- Pereira, I.; Bost, J.-P.; Hiernard, J., (1974) - *Fouilles de Conimbriga: Les monnaies*, Vol. III, Paris.
- Reis, M. P. (2021), O Aqueduto: funcionamento e inativação. In Ruivo, J.; Correia, V. (eds.) - *Conimbriga Diripitur: Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 47-66.
- Reis, M. P. (2013), Gestão e rede hidráulica de Conimbriga. A domus de Tancinus e construções anexas. In Quiroga, J. L. (ed.), *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus* (2004-2008). Oxford: BAR-IS 2466, pp. 25-36.
- RIC VIII = Kent, J. P. C. (1981), *The Roman Imperial Coinage, VIII. The family of Constantine I A. D. 337-364*, Londres, Spink & Son Ltd.
- Ruivo, J. (2021), O tesouro de *solidi* de Conimbriga e a circulação do ouro após o final da dominação romana. In Ruivo, J.; Correia, V. (eds.) - *Conimbriga Diripitur: Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 81-93.
- Ruivo, J. (2023), O depósito monetário tardo-romano da sepultura 6 da Casa dos esqueletos (Conimbriga), *Conimbriga*, 62, pp. 123-144..
- Santos, A. (2017) - *Intervenções arqueológicas na zona norte de Conimbriga: campanhas de 2013 e 2015-2016. Estudo das cerâmicas de importação, vidros e numismas e cronologias de ocupação*, Relatório de mestrado em Aqueologia, Coimbra: Faculdade de Letras.
- Velázquez Jiménez, A. (1983) - El tesorillo de Torrecaños, Guareña (Badajoz). Contribución al estudio de la circulación monetaria durante el Bajo Imperio en el territorium emeritense, *Augusta Emerita I* (EAE 126), Madrid, pp. 85-190.

Catálogo

Códigos dos bustos

- A1 para a direita, com diadema de pérolas, drapejado e couraçado
- A2 para a direita, com diadema de louros e rosetas, drapejado e couraçado
- A3 com elmo, para a esquerda, laureado, envergando manto imperial e com ceptro junto ao ombro esquerdo
- A4 velado para a direita
- A5 para a direita, com diadema (...), drapejado e couraçado
- A6 para a direita (...)

Códigos das legendas de anverso

Arcádio (A)

1. D N ARCADI-VS P F AVG

Constantinópolis (Cp)

1. CONSTAN-TINOPOLIS

Constâncio II (Cs II)

1. D N CONSTAN-TIVS P F AVG
2. CONSTANTI-VS P F AVG

Constante (Cn)

Divo Constantino (DC)

1. DV CONSTANTI-NVS P T AVGG

Graciano (G)

1. D N GRATIA-NVS P F AVG

Magno Máximo (M)

1. D N MAG MAXI-MVS P F AVG

Teodósio (T)

1. D N THEODO-SIVS P F AVG

Valentiniano II (V II)

1. D N VALENTINIANVS P F AVG
2. D N VALENTINIANVS IVN P F AVG

1. Conjunto monetário da Basílica

Arles

Nº	Aut. Em.	Busto	Reverso	Marca	Peso	Cronologia	Bibl.	Nº inv.
1.	Cs II/Cn	A2	Ilegível; tipo <i>Gloria Exercitus</i> (1sted.)	G//SARL	0,92g	p. abril 340	RIC 56-58	68.1403
2.	Cs II 2	A6	Ilegível; tipo <i>Victoriae Dd Augggq Nn</i>	NPE//PARL	1,73g	347-348	RIC 76	68.1402
3.	Cs II 2	A2	VICTORIAE DD AVGG Q NN	MA//PARL	1,50g	347-348	RIC 78	68.1402
4.	Cs II 1	A1	SPES REI-PVBLICE	VAL//?	1,47g	358-361	RIC 277	68.1398
5.	V II 1	A1	REPARATIO REIPVB	- -//TCON	5,34g	378-383	LRBC 549	68.1395

Aquileia

6.	V II 2	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SMAQS	4,73g	378-383	LRBC 1065	68.1394
----	--------	----	------------------	------------	-------	---------	-----------	---------

Heracleia

7.	A 1	A1	GLORIA ROMANORVM	- -//SMHB	5,20g	393-395	LRBC 1987	68.1391
----	-----	----	------------------	-----------	-------	---------	-----------	---------

Casa da moeda indeterminada

8.	Cp 1	A3	Ilegível; tipo <i>Constantinopolis</i>	- -//?	1,36g	330-340	-	68.1405
9.	DC 1	A4	Ilegível; tipo <i>Vn - Mr</i>	- -//?	1,32g	347-348	-	68.1404
10.	Cs II 1	A1	Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio</i> (FH)	- -//?	4,99g	350-355	-	68.1400
11.	Cs II 1	A6	Ilegível; tipo <i>Fel Temp Reparatio</i> (FH)	?	1,43g	353-358	-	68.1399
12.	Cs II 1	A1	SPES REI-PVBLICE	- -//?	2,19g	358-361	-	68.1397
13.	G 1	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -//?	4,74g	378-383	-	68.1393
14.	-	A5	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- -?	3,40g	378-387	-	68.1392

Cunhagem irregular

Anv.: D N GR[...]IA – NVS P F AVG

15.	G	A1	REPARATIO REIPVB	- -//PCON	2,81g	post. 378	cf. LRBC 548	68.1396
-----	---	----	------------------	-----------	-------	-----------	--------------	---------

Observações ao Catálogo:

9. Casa da moeda oriental.

10. No anverso, atrás do busto, a letra D. Nesta emissão de AE2 esta marca monetária pode ser encontrada em moedas das casas da moeda de Roma, Constantinopla e Antioquia.

15. Imitação de protótipo de Arles.

2. Conjunto monetário do Edifício sobre o Anfiteatro

Lyon

Nº	Aut. Em.	Busto	Reverso	Marca	Peso	Cronologia	Bibl.
1.	G 1	A1	Ilegível; tipo <i>Reparatio Reipub</i>	- S//LVG	3,77g	378-383	LRBC 376
2.	G 1	A1	REPARATIO REIPVB	- S//LVG	3,66g	378-383	LRBC 376
3.	M 1	A1	REPARATIO REIPVB	- -//LVGP	5,49g	383-387	LRBC 379

Arlés

4.	M 1	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SCON	3,65g	383-387	LRBC 553
----	-----	----	------------------	-----------	-------	---------	----------

Roma

5.	Cs II 1	A1	FEL TEMP – REPARATIO (FH)	- -//?	1,32g	353-358	RIC 272/276
6.	G 1	A1	REPARATIO REIPVB	- -//SMRP	6,63g	378-383	LRBC 750

Itália do Norte

7.	T 1	A1	VICTOR – IA AVGG (2 imperadores)	- -//COM	4,48g	383	Depeyrot 1996b 186, n° 2/6
----	-----	----	----------------------------------	----------	-------	-----	-------------------------------

Casa da moeda indeterminada

8.	V II ?	A1	REPARATIO REIPVB	- -//?	3,10g	378-383	-
----	--------	----	------------------	--------	-------	---------	---

7. *Solidus* com o N° de Inv. 18.1, publicado em Correia, 2021: 23, 1.94.



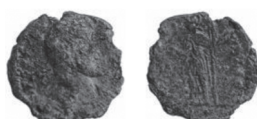
Figura 1 - Planta geral de Conimbriga (2006) (reprodução de Correia e Alarcão, 2008: Estampa VI) com a identificação da Basilica (1) e do Edifício sobre o Anfiteatro (2).

Estampa I

1. Basílica



3



4



6



7



10



12



13



15

2. Edifício sobre o Anfiteatro



1



2



3



4



5



7



8

ÍNDICE

LUIS AMELA VALVERDE

La serie rrc 456 caesar dict. Iter. Una nota9

RITA PINTO

A necrópole romana de montes novos (Croca, Penafiel): os depósitos de moedas23

RUI M. S. CENTENO, ALICE BAETA, PAULO CARMO

Complemento ao estudo das moedas da necrópole de montes novos (Croca, Penafiel).....113

NEWTON RIBEIRO MACHADO NETO

Uma revisão do tesouro monetário tardo-romano de Torre121

DIANA MARQUES, JOSÉ RUIVO, VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA

Notas sobre dois conjuntos monetários tardo-romanos de Conimbriga.....195

RUI M. S. CENTENO

Memória do VI Congresso Nacional de Numismática209